Numero 282 — Domingo, 10 de Julho de 1887 — 6.° Anno

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS
EM AVEIRO — ANNO 50 (NUMEROS) 1$000 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.
FORA D'AVEIRO — ANNO (50 NUMEROS) 1$125 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS 570) RS.
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL.. 2$000 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES
NA SECÇÃO DOS ANNUNCIOS — CADA LINHA 15 RS.
NO CORPO DO JORNAL — CADA LINHA 20 RS
NUMERO AVULSO 20 RS., OU 100 RS. NO BRAZIL.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ALFANDEGA, NUMERO 7.

AVEIRO

?

Vamos falar da decisão do conselho de guerra e não temos titulo com que encimar as linhas que se seguem. Foi ignorancia, foi infamia, foi monstruosidade, foi aborto, foi loucura? Não sabemos. Foi tudo isso, foi muito mais do, que isso. Foi um crime que não se define, que não se comprehende, que não se sabe, que se não classifica. Foi tudo e não foi nada!

Vejamos, porém, se conseguimos tomar a serio essa monstruosidade que se chama o primeiro conselho de guerra da primeira divisão militar e se n'esse sentido é possivel criticar o parto cerebral d'aquelles genuinos, puros e verdadeiros epilepticos. Ou epilepticos ou tratantes! Parodiemos por um instante o dr. Senna e provemos que são apenas epilepticos.

Os membros do conselho de guerra são epilepticos pelos motivos que se seguem. Quatro medicos appareceram a depôr. Tres d'elles foram de opinião individual que o reu Marinho da Cruz era um louco. O quarto, o que tratou o reu durante quatro mezes no hospital militar, foi de opinião que não era louco. Logo, havia aqui uma divergencia completa nos homens da sciencia, divergencia que era por si o bastante para que o conselho de guerra, completamente leigo no assumpto, se não pronunciasse nem por um lado nem por outro. Alem d'isso, havia outras circumstancias a recommendar esse caminho aos membros do conselho de guerra, como o unico caminho regular. O dr. Senna, pronunciando-se abertamente pela loucura do reu, foi o primeiro a confessar que a sua opinião era uma opinião individual e nada mais. Que, se lhe perguntassem se a sciencia estabelecia soluções positivas e definidas para casos d'aquelles, seria o primeiro a responder que não.

Isto era muito para elucidar o conselho de guerra e tirar-lhe todas as duvidas e hesitações de consciencia! Mas, como se fosse pouco, o promotor de justiça, n'uma exposição clara, logica e concludente, com os livros dos auctores celebres na mão, demonstrou até á evidencia que os physiologistas se dividiam muitissimo nas conclusões do estudo cerebral sobre individuos nas condições do reu. Que uns se pronunciavam pela loucura e outros não. Que uns tomavam como symptoma d'epilepsia, o que outros contestavam, e assim por deante. Quer dizer, em estudos physiologicos d'aquella natureza, tudo é incerto, duvidoso e problematico por emquanto, como não pode deixar de succeder, sendo a physiologia um estudo que ainda ha muito poucos annos se desenvolveu no mundo. Logo, o conselho de guerra collocando-se acima de todas essas divergencias, de todas essas contradicções, de todas essas duvidas para julgar em absoluto sobre o individuo presente, não fez senão estabelecer uma formula scientifica em objecto tão melindroso e tão grave. Ora um official do exercito, o homem da espada, a sobrepôr-se aos homens da sciencia, a julgar scientificamente como tribunal absoluto e derradeiro, se não é do ultimo atrevimento é do ultimo ridiculo. Ridiculos, risiveis, caloiros com cabelleira d'urso e pêllo de tres palmos! Isto é, epilepticos larvados, na definição dos peritos do reu, tão perigosos e tão prejudiciaes como elle.

O sr. dr. Senna architectou no traumatismo toda a sua contestação scientifica. Segundo o illustre alienista, foi uma pancada que o reu soffreu na cabeça que lhe desenvolveu o germen da loucura e o levou á mania do assassinato. Ora se os membros do conselho de guerra não soffressem verdadeiramente d'epilepsia larvada, porque os verdadeiros e genuinos epilepticos são elles, qualquer de suas *scientificas* pessoas teria na mão o meio facil de deitar abaixo toda a contestação do dr. Senna. Pedia licença ao presidente do tribunal e interrogava as testemunhas presentes: —Porque é que o alferes Ramos deu uma bengalada na cabeça do alferes Marinho da Cruz?—Porque o alferes Marinho da Cruz, responderia qualquer d'ellas, tinha a mania d'assassinar o alferes Ramos, e investiu um dia com elle quando o suppoz desarmado.

E assim ficava por terra toda a argumentação scientifica do dr. Senna. Segundo o dr. Senna, a pancada que o Marinho da Cruz levou na cabeça é que lhe desenvolveu a doença e o levou ao assassinato. Mas se se provasse ao dr. Senna que o Marinho da Cruz levou a pancada na cabeça, precisamente por andar com a mania do assassinato, o que havia de responder o illustre clinico? Com que cara não ficaria em pleno tribunal? Ora o facto de todos os membros do conselho se terem esquecido d'essa circumstancia não indica senão um grave symptoma d'epilepsia larvada. O esquecimento é uma prova infallivel d'essa doença. Esquecendo-se todo o conselho de guerra de desfazer a argumentação do dr. Senna com duas palavras, o conselho deu indicios graves d'uma grave doença mental. Em nome da sciencia e da justiça, Rilhafolles com elles immediatamente! Quando não, d'aqui a dois dias surgem assassinos como o Marinho da Cruz.

Mas temos mais. O dr. Craveiro apontou como symptoma caracteristico de loucura no reu, o reu não gostar de andar a cavallo. Se o reu, dizia o director do hospital de Rilhafolles, passou de artilheria a infanteria por não gostar de andar a cavallo, temos ahi um grave indicio de loucura, por isso que n'aquella edade ninguem tem medo de andar a cavallo, antes se encontra n'isso um *prazer excepcional*.

E' arrojo! E' ultra-atrevimento para um homem de sciencia! Se o auctor d'estas linhas podesse, contaria ao illustre doutor um facto curioso entre muitos. O auctor d'estas linhas, para provar ao medico Craveiro que proferiu um enorme absurdo, bastaria que lhe contasse o seguinte.

Houve em tempos um curso de cavallaria na escola do exercito. D'esse curso, mais de metade *não gostava* de andar a cavallo. Sete dos alumnos, porque não *gostavam de andar a cavallo*, passaram a infanteria. Dos que ficaram, uns ficaram porque realmente *gostavam d'andar a cavallo*, outros ficaram porque gostavam dos encarnados da farda, das charlateiras e das esporas sem *gostarem* do cavallo—e outros por circumstancias varias. D'estes, um serve na guarda municipal, outro é ajudante d'um general muito conhecido, outros correm mundo em varias commissões, mas todos me confessam, quando me encontram, que *ainda* não gostam de andar a cavallo.

Santo Deus! Seremos nós todos epilepticos larvados? Não; epileptico larvado será o dr. Craveiro e mais o conselho de guerra, que lhe acceitou a auctoridade scientifica depois de tamanha heresia! Epilepticos larvados serão elles! Não somos nós, nem essas vivas, intelligentes e briosas povoações da beira mar, que no geral nutrem o mais profundo horror pela cavallaria. Epilepticos larvados serão elles e são-no de facto pela monstruosidade que acabam de commetter.

Em resumo. Ainda que não se desse nenhuma das circumstancias que ahi ficam referidas, o conselho de guerra em caso nenhum podia considerar louco o reu Marinho da Cruz. Estava fóra da sua alçada, estava fóra das suas attribuições. O conselho de guerra só tinha que inquerir e que julgar do facto incriminado. O reu matou? Estava ou não provado? Se estava provado, que fosse condemnado á pena que correspondia a tão horrendo crime. Condemnado entrava na Penitenciaria e então, e só então, é que o director do estabelecimento o poderia submetter a um exame. Para esse fim entraria n'um hospital de doidos e ahi os homens da sciencia resolveriam o que fosse mais conveniente. Esse é que era o caminho. Fóra d'isso, tudo é irregular e criminoso. Se lhe accrescentarmos a circumstancia do conselho de guerra ter feito obra pelas palavras de dois medicos, um dos quaes funda o crime do reu n'uma pancada que levou na cabeça, quando essa pancada já não era senão a consequencia da aberração d'aquelle miseravel, e o outro toma como symptoma caracteristico da mesma loucura o reu não gostar de andar a cavallo, não ha meio de explicar a decisão do jury, que não seja por um desarranjo cerebral, esse perfeitamente averiguado e perfeitamente caracteristico.

E agora:—onde ficou a disciplina militar? Onde ficou a justiça d'esses cafres, que não duvidam condemnar todos os dias os miseros cornetas, umas creanças, por crimes insignificantes e que só veem loucos os officiaes, mas que nunca viram loucos um Teixeira, um Antonio da Costa, um Antonio Coelho e tantos outros? Perguntas a que em verdade não sabemos responder, nem mesmo esquadrinhando todo o arsenal dos nossos termos de indignação!

Um outro symptoma curiosissimo, singular e *unico* de loucura:—escolher o assassinio as dez horas da manhã para trucidar a sua victima! Que diabo! Chega a gente a duvidar se não seria mais conveniente para a humanidade metter estes sabios n'um hospital de alienados! Do que se tem passado vê-se que estavam lá perfeitamente em companhia do Marinho da Cruz.

Mas a decisão do conselho de guerra não nos surprehendeu. Já no domingo passado a previamos no nosso artigo de fundo.

A proposito: sabemos d'um modêlo muito curioso de cartões de visita para o caso actual, mo-

---

4

FOLHETIM

AS RODAS

CRIAÇÃO DA INFANCIA DESVALIDA

(CONTINUAÇÃO)

A grande mortalidade dos engeitados, um dos factos que mais rijo bradam contra as rodas, mostra evidentemente como ellas obstam ao augmento da população, commettendo em cada anno milhares de infanticidios. Affirma Benoiston de Chateaunenf que, em Dublin, de 1791 a 1797, de 12:785 engeitados morreram, no espaço de seis annos, 12:562. Em Lisboa desde o 1.° de julho de 1851 até ao dia 30 de junho de 1862 entraram na roda 30:775 expostos e falleceram 21:619. Em Evora desde o 1.° de julho de 1861 até 30 de junho de 1871 entraram na roda 1:800 expostos e falleceram 1:452.

Eis aqui o mappa que em 1871 foi remettido officialmente da camara municipal á commissão administrativa da misericordia, á qual tivemos a honra de presidir. O municipio pretendia d'aquelle estabelecimento que augmentasse o subsidio já grande com que auxiliava a criação dos expostos. Com este mappa que solicitámos da camara lhe respondemos, mostrando a necessidade urgente de diminuir em vez de augmentar o numero dos infelizes condemnados aos maus tractos da roda, e a ser victimas do desleixo, ignorancia ou maldade das amas.

MAPPA DO MOVIMENTO DOS EXPOSTOS DO CONCELHO DE EVORA, DESDE O 1.° DE JULHO DE 1861 A 30 DE JUNHO DE 1871

Annos	Entradas	Completaram sete annos	Entregues aos paes	Entregues a outras pessoas	Falleceram
1861 (2.° sem.)	93	7		1	91
1862	170	18	4		135
1863	148	18	2		138
1864	203	12	4	5	174
1865	195	20	1	1	161
1866	188	23	3	3	158
1867	186	20	1	4	141
1868	175	16	2	8	139
1869	180	18	11	2	134
1870	164	15	2	2	130
1871 (1.° sem.)	98	7	1	1	51
Somma.	1:800	174	31	27	1:452

D'este mesmo mappa se deprehende que no espaço de dez annos, decorridos desde 1861 a 1871, a mortalidade das crianças entradas na roda de Evora e de 1 até 7 annos foi de 4-5, isto é, de cada 5 crianças entradas morreram 4.

Um mappa da roda de Evora, respectivo ao decennio de 1809 a 1819, publicado por Gouvêa Pinto em 1828 (1), demonstra que de 1:075 expostos entrados n'aquelles dez annos falleceram 885. Por onde se vê que já n'esse tempo falleciam tambem 4 expostos de cada 5 entrados na roda. Ora, segundo as leis geraes da mortalidade nos primeiros 7 annos da vida, os mais que poderiam morrer seriam 1-8 em vez de 4-5 ou 12 por cento em vez de 80 por cento.

Suppondo que em 70 annos entraram na roda de Evora, termo medio, 140 expostos por anno, teremos ao todo n'aquelle espaço de tempo 9:800. D'estes 9:800, segundo as leis da mortalidade, deveriam morrer quando muito 1:176. Porêm, segundo a proporção deduzida dos mappas, morreram 7:840. Portanto a roda de Evora matou, desde 1800 a 1870, 6:664 crianças. Se nos lembrarmos de que em todo o districto de Evora existiam ainda ha poucos annos dezoito rodas, e que em cada uma d'ellas a mortalidade não seria muito menor que na capital do districto, acharemos uma causa, por tantos annos desattendida, da diminuição da população na provincia do Alemtejo.

(Continua.)

AUGUSTO FILIPPE SIMÕES.

(1) *Exame critico e historico sobre os direitos estabelecidos pela legislação antiga e moderna, tanto patria, como subsidiaria, e das nações mais visinhas, e cultas, relativamente aos expostos ou engeitados*, por Antonio Joaquim de Gouvêa Pinto, Lisboa, 1828. Em relação ao tempo em que escreveu o auctor, foi o seu livro obra muito importante. Hoje ainda n'elle se nos deparam dados estatisticos que debalde buscariamos n'outra parte.

dêlo escolhido pela officialidade de Lisboa. Para o coronel Moraes Sarmento, major Henrique Cesar Rollin, capitão Guilherme Carlos Banhos e alferes João Rodrigues Chaves, que absolveram o homem, o nome do individuo com um traço negro por baixo, sem mais nada. Assim

O capitão, ou tenente, ou alferes de
F.....

Para o capitão Manuel José Ribeiro de Faria e tenente Theophilo José da Trindade, que assignaram vencidos, isto:

O capitão, tenente, alferes, etc
F.....

felicita-o vivamente por não soffrer da epilepsia *alarvada* de que soffrem os seus collegas no 1.º conselho de guerra, nem da epilepsia larvada de que soffre o Marinho da Cruz.

Tem immensa pilheria!

A ELEIÇÃO DA MISERICORDIA

Teriamos n'este momento de empunhar o azorrague, com a vivacidade e a valentia do costume, para flagellar a prepotencia e o descaro das auctoridades n'esta terra, se a inepcia, a immoralidade, e o desprestigio da opposição nos não viessem tirar forças e, por assim dizer, sancionar a referida prepotencia. Se a opposição monarchica fosse altaneira nos seus brios, coherente nos seus principios e honrada na sua conducta, não lhe faltaria hoje ao lado um só dos homens dignos d'esta terra para a impulsionar contra a corrente do arbitrio, contra a maré de poucas vergonhas que nos assoberbam o desconchavado barco da governação districtal, tão ameaçado de succumbir ao embate das vagas que obedecem á voz do Tritão Manuel Firmino e d'ir para o fundo com o peso exaggerado dos escandalos da grei do sr. governador. Mas como tal é Lé como é Cré, Cré não faz a Lé senão o que Lé tem feito muitas vezes e o que ainda ha de fazer se Deus quizer e a Senhora bonançosa da politica vier a soprar em seu favor. Expliquêmo-nos.

E' incontestavel que o sr. governador civil praticou uma grande arbitrariedade. Não nos venha cá dizer que os livros do recenseamento da Misericordia estavam falsificados e que n'essas condições o seu dever era intervir como interveio. O Zé que coma d'essas lôas, que só elle será capaz de as comer. E que ha de comer, gostar e bater palmas não restam duvidas a ninguem, seja dito de passagem. Mas se os livros da Misericordia estavam falsificados, e o sr. Manuel Firmino julgou uma questão de justiça e de moralidade pôr cobro a esse escandalo, para que é que o mesmo sr. Manuel Firmino mandou propor um accordo á opposição sobre o acto eleitoral? Essa é bôa! Pois os jornaes do governo berram que a meza da santa casa da Misericordia não praticava senão *miserias*, e só á ultima hora é que o sr. governador civil viu essas *miserias*? O que fizeram durante anno e meio as vestaes do Deus da Vera Cruz, esse Deus puro, esse Deus virgem, que não vê irregularidades, nem crimes, senão em vesperas d'eleições? O que fizeram as vestaes, que durante tanto tempo nunca lhe abonaram a verdade? Pois o sr. Barbosa de Magalhães vae para o parlamento dizer que a conducta do sr. Manuel Firmino foi motivada n'um principio de liberdade e de decôro, quando é certo que o sr. Manuel Firmino nunca assim teria procedido se os regeneradores-constituintes-progressistas houvessem acceitado o accordo que lhes propoz? A farçolice e a mentira das folhas do sr. governador resalta á vista do mais leigo n'estas tricas. E provada a mentira, o acto do sr. governador civil é tão feio, a sua arbitrariedade revolta de tal forma, o seu desacato pela liberdade é tamanho que não póde deixar d'irritar todos os espiritos rectos e de arrancar um protesto d'indignação a todos os verdadeiros liberaes.

Por esse lado, pois, protestâmos nós. E mais protestâmos contra a desfaçatez com que se pretendeu envolver um corpo respeitavel, o corpo da policia, que devia permanecer n'uma região serena d'imparcialidade e de justiça, acima das correrias da politica, n'estas tristes e degradantes questiunculas de facções. Isso não é só uma grande vergonha, é uma grande maroteira. Isso não é já uma exorbitancia, uma irregularidade, uma leviandade lamentavel; é um crime que requeria o mais severo castigo se houvesse justiça n'esta terra. O funccionario, que de tal forma delinquiu, que chamou ao seu gabinete os eleitores para os ameaçar, em nome da missão delicada que lhe foi entregue, não merece mais a menor consideração, nem o menor respeito de quem sabe prezar a sua dignidade de homem livre. Pela nossa parte esteja certo de que a perdeu de todo.

Por conseguinte, em absoluto as auctoridades progressistas andarem mal, muito mal, o que lamentâmos, podem crêr. Todavia, comparado o facto com a conducta e a historia dos seus adversarios, quasi que o achâmos bem feito. O que queria esse producto hybrido que existe para ahi—regeneradores, constituintes, progressistas, o diabo a quatro, o que queria esse producto hybrido que lhe acontecesse, se elle só isso é que merece? De que se queixam esses homens, se logo na sua constituição como grupo militante peccam pela falta de seriedade? O que pretendem elles, se foram pôr á sua frente o melhor discipulo da escola do sr. Manuel Firmino, isto é, o homem que melhor o tem egualado na arbitrariedade, no despotismo, no nenhum respeito pelas praxes representativas e pelas formulas liberaes? Esquecer-se-hão, como lhe diz o *Campeão*, do que o sr. Manuel Gonçalves quiz fazer ao sr. José Antunes? Esquecer-se-hão da sanha feroz com que o sr. Manuel Gonçalves perseguiu em tempos a camara municipal constituinte, chegando a cortar-lhe no orçamento a verba destinada ao guarda do cemiterio? Esqueceram-se de tudo isso, esses *puros*? Esqueceram-se até, os catões opposicionistas, dos epithetos violentos que lançaram ao sr. Manuel Gonçalves?

Não; no dia em que o *medico do carril* se lançou na vida publica para combater violentamente seu irmão, o medico do carril morreu e morrem todos os partidos que o ponham á sua frente. Creiam isto. Antes de tudo a coherencia. Primeiro a seriedade. Depois o resto. Ora se o sr. Manuel Gonçalves é muito bom homem, como homem, é muito mau politico, como politico. E não tem auctoridade nenhuma para se queixar dos adversarios quem, depois de ter censurado n'esse cavalheiro tantos despotismos, tantas arbitrariedades, tantos defeitos, o vae arvorar em commandante. Levem e calem. E' bem feito.

O que é triste e repugnante é que essas luctas se levantem em volta d'um instituto de beneficencia e caridade. Se a população aveirense não estivesse profundamente desmoralisada, seria quanto lhe bastasse para lançar ao desprezo todos esses especuladores da politica. Elles que disputam o penacho na eleição da misericordia, é porque vão para lá com o unico espirito d'angariar influencia. D'outra forma, não só não haveria lucta, nem odios, n'uma eleição d'aquella ordem, como fugiriam todos de sêr eleitos para... não terem *massadas!*

Cómo isto tudo é baixo!!!

Dizia n'outro dia um collega republicano que quando o «parlamento portuguez fôr composto de homens independentes completamente dos cofres do Estado, acabará a monarchia e a immoralidade, que nos degradam e aviltam.»

Isso é força d'expressão, collega! Se contar bem, verá que no parlamento portuguez existem mais individuos que não são funccionarios do estado do que aquelles que o são. Entretanto, a monarchia e a immoralidade continuam com vento de monção!

Isto de ter os funccionarios publicos como uns parasitas que sugam a vida á sociedade portugueza, nem é a doutrina mais justa nem o principio mais são. Mas deram n'isto os nossos democratas e ei-los em guerra de morte contra o funccionalismo. Ora das duas uma. Ou o emprego publico não é necessario ou é. Que não seja necessario ninguem o dirá. E se é necessario, o funccionario publico é um cidadão retribuido em troca do trabalho que produz. Pagam-lhe porque trabalha e para que trabalhe, como elle paga ao seu sapateiro para que lhe trate das botas. São situações, ambas ellas perfeitamente independentes e perfeitamente dignas.

Tambem nunca perfilharemos a heresia que nego ao funccionalismo a latitude dos direiros politicos. Porque não pode o funccionario ser legislador? Porque póde encontrar os seus interesses em colisão com os interesses das outras classes? Se a vida é uma lucta d'interesses! As outras classes que lhe resistam e que pugnem pelos seus direitos. Quando o industrial *legislador* quizer elevar os direitos da pauta em favor exaggerado dos seus productos, o industrial não lesa os interesses do consumidor em proveito dos proprios interesses? Não faz o mesmo o lavrador quando pretenda tributar o trigo estrangeiro alem do regular, o sapateiro, o chapeleiro e tantos outros com os productos da industria estrangeira? Então, para quê essa excepção odiosa do empregado publico das funcções legislativas? Porque o sr. Theophilo Braga e o sr. Marianno de Carvalho fazem falta nas escolas? Pois podem muito bem accumular as funcções de deputado com as funcções de professor! Porque um ou outro empregado presta mais serviços na sua secretaria, que na camara? E com quantos não succederá o contrario? Quantos não serão utilissimos na camara sem serem prejudiciaes ás suas funcções publicas?

Por conseguinte, nenhum dos argumentos que se empregam n'esse sentido tem o minimo valor. E no fundo, negar a latitude dos direitos politicos ao funccionario é muito pouco simpathico e... muito pouco democratico. Depois, se nos lembrarmos de que os partidarios d'esse principio são os partidarios de todos os direitos politicos para a mulher, ainda mais estapafurdia achâmos a doutrina. O militar a fazer a guerra por conta da esposa e o funccionario civil a despachar por ordem da filha é uma ravanada democratica que nos faz muita poeira.

Não estâmos d'accordo.

Carta de Lisboa

8 de Julho.

Ao principiar esta carta, a penna treme-me d'indignação. Pois não sou dos mais sensiveis, nem dos mais exaltados, embora o pareça muitas vezes! A minha consciencia vibra com o mais pequenino escandalo e desafoga, é certo, em phrases violentas. Phrases que serão asperas, que serão duras, porque são honradas! Phrases que serão ingratas ao ouvido do sentimentalismo indigena, porque são a desforra d'uma alma dilacerada pela contemplação de torpezas sem numero, do espesinhar da justica, da negação do bem! Phrases que serão antipathicas aos vis, porque demonstram até á evidencia que são a expressão d'um espirito que não *torce* nas luctas da vida, que se orgulha da rectidão das suas intenções e que nunca deixou de alliar os seus actos na pratica ás theorias que professa. Mas exaltações, rhetorica, sentimentalismo não tenho. Tenho a frieza de quem vê os acontecimentos sociaes pela evolução scientificamente definida, ou na decadencia ou no progresso fatal das nações. Se eu estou convencido de que as raças latinas decahem, ou de que são, pelo menos, d'uma regeneração muito difficil, as minhas phrases que possam parecer exaltadas, não são mais que o protesto viril contra a vasa que me cerca, um desalento que importa o mais profundo desprezo e tedio por essa raça d'escravos a que infelizmente pertenço. E agora chamem-me petulante, chamem-me tolo, chamem-me lá o que quizerem. Ao menos tenho a *coragem* de pensar e a *coragem* maior de dizer aquillo que penso.

Hoje, porém, estou verdadeiramente irritado. Hoje é demais. Hoje a atmosphera de Lisboa rescende a quantas immundicies se teem accumulado n'este charco immundo. Não ha desinfectantes, nem precauções hygienicas que nos possam valer. Ou fugir de Lisboa, fugir, fugir, para bem longe, para o bosque mais ignorado, para a montanha mais só, não importando as viboras, que sempre hão de ser mais *humanas* e menos perigosas que estas viboras fedorentas de gravata lavada, ou andar atascado em.... até ao pescoço.

Os leitores sabem? O Marinho da Cruz foi absolvido!!!

O Marinho da Cruz foi absolvido!!! Aqui para-se. Sinto-me tão cançado como se houvesse subido ao mais alto pincaro da serra da Estrella. Peior, peior! Na serra da Estrella ha as deliciosas correntes d'ar que nos enriquecem os pulmões, o panorama do céo, a vista consoladora, suave, doce, d'uma natureza magestosa! Aqui... aqui o cançasso é outro. Este mata. Nem ar, nem céo, nem horisonte. A feira da ladra, onde os ferros velhos vendem consciencias militares a tres ao real, um vento fetido, nauseabundo, cholerico que sopra do campo de Santa Clara, e um monstro de pedra que horrorisa a vista — os tribunaes militares. Aquillo não é tribunal, aquillo é um monstro. Um monstro! A forca é nobre ao pé d'aquillo!

O Marinho da Cruz foi absolvido. E' espantoso, é unico, custa a crêr. Com licença, eu páro outra vez! Faz-me mal lembrar-me d'isto. Chego á janella e vejo o crime. A minha casa, a casa em que estou escrevendo estas linhas fica a dois passos do sitio em que o cabo Pereira cahiu com a cabeça atravessada por uma bala. Eu torno a ver o cabo estendido no chão, de bruços, um olho aberto, fixo, esgazeado, e o outro esborrachado pela bala. Eu torno a ver a multidão que se agglomera em volta do cadaver. Eu torno a ouvir os commentarios horrorosos que se fazem. Eu torno a ver os maridos esconder pressurosos os jornaes para que as mulheres não saibam do motivo repellente d'aquelle assassinato. Eu torno a ver os paes corarem e balbuciarem uma mentirola sem nexo, quando as filhas lhe perguntam:—«Mas, papá, porque matou o alferes o cabo?» Eu cuço-e vejo tudo isso para d'aqui a dois dias me acotovellar na rua com... o sr. Marinho da Cruz!

E' horrivel. Porque o facto é esse. O Marinho da Cruz, o infame Marinho da Cruz desappareceu. Agora—é o *desgraçado*, o *infeliz*, o *pobre* Marinho da Cruz, que entra ámanhã n'um hospital de doidos, d'onde sahirá *curado* ao fim de dois annos para voltar a sêr... o honrado e respeitavel sr. Marinho da Cruz! Ao fim de dois annos? Ao fim d'um anno, ao fim de seis mezes, quando o director do hospital quizer. Ou se engane ou não se engane, ou seja movido pelo favoritismo ou não seja, ou obedeça á sua consciencia ou a circumstancias extranhas, o caso é que o *doido* sahirá do hospital quando o director quizer, porque n'esses casos, o director do estabelecimento constitue um tribunal supremo, infallivel, indiscutivel, sem appelações! Ah, que é muito! Se o meu fiel turco, o meu bello cão de S. Bernardo, o meu dedicadissimo amigo, o meu fidelissimo companheiro ámanhã enlouquecer, isto é, fôr atacado de hydrophobia, terei de o matar em virtude d'um principio irresistivel que se chama—a lucta pela existencia. Para que me não mate a mim ou não mate um individuo da minha especie ou algum outro animal, terei eu de passar pelo sacrificio doloroso, pela ingratidão, pela maldade de o matar a elle. Mas que passe por mim o ex.mo sr. Marinho da Cruz e que embirre por eu lhe não tirar o chapeu respeitosamente, ou que embirre com a minha cara ou que embirre com qualquer cousa da minha humilissima pessoa e era uma vez o chronista do *Povo de Aveiro*. O louco dá-lhe a *furia* e n'um accesso d'epilepsia dá-me *cabo do canastro*.

Ora digam-me os leitores, mas sejam sinceros e sejam justos, digam-me — não é muito mais cruel e mais infame eu matar o meu pobre cão, que é tão meu amigo, que é tão bom, que é tão generoso, que é tão fiel, só porque o meu cão, ainda innocente, é capaz de matar um homem, não é isso mais cruel, mais infame, e menos *humano* do que matar aquelle miseravel, aquella hedionda creatura que assassinou um homem pelo mais repugnante de todos os motivos e que, segundo os alienistas declararam no tribunal, é capaz de matar outra vez em circumstancias identicas? Se está doido, o hediondo bicho, doido está o cão quando o ataca a hydrophobia e nem por isso eu deixo de o matar. E tão injusta, e tão grave me parece a circumstancia de matar um innocente e poupar um criminoso que, já que se mata, eu pela primeira vez me declaro partidario da pena de morte a tudo e a todos que se mostrem indignos da especie humana. O tigre é mil vezes mais respeitavel do que um Marinho da Cruz. O tigre mata para comer. O tigre obedece a um instincto natural. Um Marinho da Cruz, matando sem o impulso instintivo do tigre, é sem duvida mais repellente, mais monstro, mais hediondo, mais fera, do que todos os animaes carnivoros mais ferozes.

E' um louco? D'accordo. Mas um louco que tem a loucura *só de matar*. Isto é, um degenerado, como o definiu o dr. Senna, um sêr anthropologicamente inferior, como o chipanzé, o gorilla, o leão, o lobo, o leopardo. Se nunca ninguem se admirou d'um homem matar o lobo, só porque este lhe póde ser prejudicial, que admiração o carrasco fazer cahir a cabeça d'uma fera que tenha eliminado a existencia d'um individuo da especie? D'accordo; o Marinho da Cruz é um louco com a mania predominante do assassinato. Pois n'esses casos, a unica maneira de apurar a especie e engrandecer a raça é cortar o pescoço a esse louco. O sentimentalismo indigena berrará e gritará. Deixo-lo berrar, que ganha a sciencia e ganha a civilisação. O sentimentalismo é a degradação, é a decadencia dos povos. Povos onde o sentimentalismo dominar, são povos condemnados fatalmente a morrer. O sentimentalismo é a negação da sciencia, é a antithese da razão, é o maior inimigo do progresso. E não é difficil achar a prova. Não é Portugal um paiz inferior? Se Portugal é um paiz inferior comparativamente á França, á Inglaterra, á

Allemanha, á livre Suissa e á liberrima America, que temos de que nos orgulhar em Portugal sêr o unico d'esses paizes que aboliu a pena de morte? Das duas uma; ou Portugal caminha na vanguarda da civilisação e então comprehende-se a sua brandura de costumes, ou Portugal é um paiz retrogrado e então o seu codigo penal não é mais que um producto reles do sentimentalismo. Ora como a segunda hypothese é que é a verdadeira, a segunda hypothese é que fica de pé. D'onde se conclue que a decisão do conselho de guerra foi uma monstruosidade, uma infamia, uma injustiça social, a nota mais perturbadora da vida portugueza que tem surgido até hoje. Foi um golpe medonho no exercito e em todo o equilibrio nacional. Foi uma infamia sem nome praticada por quem nunca hesitou em julgar com a maxima severidade da lei os soldados abandonados da sorte que lhe têm cahido nas mãos. Uma infamia, uma grande infamia, uma grandissima infamia. Para aquillo só um dictador armado de poderes discricionarios. Um despota que mandasse applicar cem varadas no c... fresco de cada um dos membros do conselho, arrancar-lhe os galões, fustigar-lhe com elles a cara alvar e em seguida expulsa-los do exercito por indecentes e más figuras. E' o castigo que eu julgava correspondente a tão monstruoso delicto.

Uma infamia, uma grande infamia, uma grandissima infamia!

Y.

Carta da Bairrada

—

Julho, 8.

Vae passada uma semana, depois que estalaram os foguetes e tocaram os hymnos em honra do sr. presidente do conselho e do seu illustre particular e secretario, e ainda não caiu sobre os magnates do circulo aquelle suspirado maná de graças que a todo o momento se espera em reconhecimento de tanto fogo deitado ao ar e de tanta luminaria posta á janella.

Que imprevistos trabalhos de gabinete, que complicadas ordens ao telephone, terão affadigado o illustre deputado por Anadia, particular e secretario do sr. ministro do reino, para não avivar a s. ex.ª a grande divida em que ambos se acham para com os mordomos da espaventosa festa descripta nas gazetas da localidade com as côres do mais luzidio brilho?

Que o novel deputado por Anadia leve ávante o seu proposito de não abrir bico no parlamento, comprehende-se e desculpa-se, visto que quem lhe encommendou o sermão de representar este circulo é que lh'o ha de pagar, e essas contas são lançadas, já se vê, á responsabilidade completa do sr. presidente do conselho; mas que s. ex.ª o sr. deputado por este circulo esqueça a recepção que lhe fizeram na cabeça de comarca e o gaudio geral que escoou pela ponta dos trombones e pelo azeite e pelo cebo das luminarias, isso não tem desculpa alguma, e mau será que a chuva das graças não venha quanto antes tornar mais airosa e desaffogada a situação do illustre deputado.

*

* *

O calor está fazendo muito bem ás vinhas, cujo desenvolvimento se vê medrar dia a dia.

Para os cultivadores do milho é que a estiagem vae parecendo já prolongada, receiando-se que se percam algumas varzeas onde a agua de rega vae faltando pela sécca das nascentes.

Ha muito pouca fructa este anno.

O vinho da colheita ultima tem ultimamente sido bastante procurado para o Porto, e as transacções regulam para os tintos entre 27$000 e 30$000 a pipa de 570 litros.

Apesar dos excessivos calores, continua a ser regular o estado sanitario em toda a Bairrada.

COMMUNICADO

Ao prior de Cacia

Reverendo padre — As leis foram feitas pelos poderes constituidos, porque se reconheceram de utilidade publica, ficando assim todos nós obrigados ao cumprimento d'ellas, e servindo de guia aos povos, no intuito santo de se applicarem igualmente a justiça e a equidade.

*

Teem os espertos muitas vezes torcido a lei, mas não com bastante impunidade para que a consciencia humana se não revolte contra esses monstros, fulminando-os e recommendando-os á execração publica.

N'estes casos está v. rev.ma incurso, pela accusação que lhe teem feito quatro honrados filhos d'essa terra, e não menos honrados commerciantes na praça de Lisboa, por ter abominado diante d'um cadaver — o que elles tinham de mais santo n'esta vida, que era aquella que lhes deu o ser e que tinha o nome de mãe.

*

Sendo isto verdade, v. rev.ma não é um simples transgressor, é um criminoso repugnante que por não cercear os desejos d'um passeio fluvial com os seus amigos, combinado para o dia de luto d'uma familia, teve o cynico arrojo de impor a essa familia, que o cadaver fosse sepultado mais tarde 24 horas do que o regulamento da hygiene publica preceitua, alongando assim a consternação d'uma familia, que estava de luto, de cabeça curva diante d'um cadaver que em vida tanto amavam. *Um conselho padre*:

Nada de abusar da ignorancia e faltar ao respeito d'aquelles a quem temos obrigação do respeitar.

V. rev.ma, decerto, não sabe dos precedentes do povo d'essa terra, nas correcções que costuma dar aos que procedem da maneira como v. rev.ma está procedendo, pois é bom estudar a historia e perguntar a esses que se prestam a vir defender v. rev.ª do ultimo attentado, com uma linguagem suja, menos digna d'um homem de bem, limitando a sua assignatura a um p...

*

Os quatro signatarios do protesto de sua ultima façanha e o auctor d'estas linhas, não deixam de respeitar a religião que v. rev.ma representa, para que tambem nos respeitem a nossa; mas o que teem é o dever indeclinavel de atacar acremente aquelles que, investidos da auctoridade legal, se aproveitam da sua posição para infringirem a mesma lei, e corromperem as mesmas consciencias, menos lucidas na materia que v. ex.as apregoam de divina! e digo menos lucidas, porque se o povo d'essa terra conhecesse os espertos, não se deixaria illudir, como ainda bem recente v. rev.ma o illudiu, pedindo-lhe como esmola qualquer obulo, para concertos de uma capella, de que v. rev.ª é senhor de todos os rendimentos. Por isso hade-me permittir que diga que n'essa freguezia ha espertos que exploram a ignorancia.

*

Por ultimo offereço-lhe um trecho de uma carta que Victor Hugo escreveu a um padre, que lhe tinha pedido para se converter ao catholicismo. *Dizia elle*:

«*Senhor*—Em minha convicção absoluta, os poderes do dogma são maus em todas as religiões possiveis, e sua influencia é sempre fatal á humanidade.»

Estas são as palavras que por agora se me offerece, manifestando o desejo de que v. rev.ma não torne mais a infringir os regulamentos ou leis da hygiene publica e muito menos a corrupção nos bons sentimentos humanos.

E a v., sr. redactor, peço-lhe desculpa e agradeço-lhe o obsequio da publicação d'estas linhas no seu muito lido e acreditado jornal.

Lisboa, 2 de junho de 1887.

Manuel Nunes Ferreira.

NOTICIARIO

O «Povo de Aveiro» vende-se em Lisboa, na rua do Arsenal, n.º 96.

*

AOS SRS. ASSIGNANTES

Continuâmos a pedir aos srs. assignantes das localidades abaixo mencionadas o obsequio de mandarem pagar os semestres já vencidos.

Angeja, Eixo, Palhaça, Pardelhas, Sepins, Silveiro, Verdemilho, Cercosa, Arruda das Vinhas, Alverca e Cercal.

No *Campeão*, de quarta-feira, appareceu um communicado do sr. Domingos João dos Reis, que se refere, em parte, a uma noticia que nós publicamos em 19 do mez passado a proposito de uns adobos que umas innocentes creanças quebraram.

Na referida noticia apenas fizemos uma pequena allusão ao dono dos adobos, porque estranhamos que por uma coisa tão insignificante, segundo a informação que nos haviam dado, se fizesse uma queixa á policia.

Agora o sr. Reis veio dizer que não foram 2, mas sim 250 os adobos que as creanças lhe partiram. Muito bem. Nós acreditamos n'isso, apesar d'este numero nos parecer bastante elevado e acharmos a tarefa um pouco difficil para duas creanças de tão pouca idade.

Parece-nos que não havia razão para o sr. Reis se magoar tanto com o que dissemos, porque o que nós principalmente censurámos foi o procedimento da policia, por isso que aquellas creanças eram irresponsaveis por aquillo que, na sua innocencia, tinham praticado, não devendo de fórma alguma a policia tel-as prendido. Aos paes é que ella devia ter pedido contas, como os unicos responsaveis por aquillo que os filhos tinham feito.

O sr. Reis, porém, entende o contrario e achou pouco que as creanças estivessem 7 horas na esquadra. São modos de pensar. Nós entendemos que para o caso presente bastava uma reprehensão dos paes para as creanças se emendarem e não voltarem a repetir a brincadeira.

Nada mais.

Temos em nosso poder varios livros, de que daremos no proximo numero noticia desenvolvida.

O sr. Joaquim Pacheco, estabelecido com casa de pasto, no largo da Estação, teve ha dias a imprudencia de beber uma pouca de aguardente, pouco depois de ter tomado um purgante. O resultado d'esta imprudencia fez-se logo sentir, sendo aquelle individuo atacado de loucura, e vindo a fallecer na quinta-feira.

Ante-hontem, á noute, dois presos que haviam dado entrada n'esse mesmo dia na cadeia, lançaram fogo ás enxergas da prisão, chegando ainda a arder duas d'essas enxergas.

Accudiu o carcereiro e alguns guardas da camara, ainda a tempo de retirarem d'alli um velho louco, que estava já meio asphyxiado pelo fumo da palha, conseguindo tambem apagar promptamente o fogo.

Este louco é o mesmo que ainda ha pouco tempo em Estarreja partiu a cabeça a um padre, quando este estava a dizer missa.

Parece que os presos estavam embriagados, porque antes de lançarem o fogo á prisão tinham insultado o carcereiro, chegando a ameaçal-o de que, se os não mudasse para outra prisão melhor, lançariam o fogo a tudo que alli estava.

De certo lhes sahirá cara a brincadeira, que podia ter sérias consequencias.

Deu-se na segunda-feira de manhã um lamentavel desastre na officina de serralheria do sr. Francisco Mendes, estabelecido á rua do Espirito Santo.

Quando o sr. Mendes estava a fazer um preparado, ao lume da forja, em que entrava aguaraz, as labaredas inflammaram este liquido, fazendo explosão, do que resultou aquelle artista ficar muito ferido no rosto e nas mãos.

Foi immediatamente conduzido a sua casa, onde se acha em tratamento.

Recebemos a visita dos seguintes jornaes novos:

Do Porto—*O Camões*, semanario de litteratura e sciencias. Chamamos a attenção do annuncio, que vae no lugar competente.

De Lisboa — *Independencia e Ordem*, que se propõe advogar os interesses do funccionalismo.

De Mafra — *Jornal de Mafra*, semanario noticioso, litterario e recreativo.

Desejamos longa vida e todas as prosperidades aos novos collegas.

Houve no domingo á noute uma serenata na nossa ria, entre a ponte da Praça e as Pyramides, promovida pelos sargentos de cavallaria 10, tocando dentro d'um barco profusamente illuminado á veneziana a charanga do mesmo corpo.

Como a noute estava formosissima, affluiu muita gente ás duas margens da ria a presencear esta agradavel diversão.

As salinas estão já todas a produzir. O tempo corre magnifico para a sua exploração, havendo por isso todas as probabilidades de uma colheita abundantissima de sal.

As que principiaram a ser exploradas mais cedo téem já nas eiras uma razoavel producção de sal novo.

Consumiram-se em Braga, nas festas do Bom Jesus, S. João e S. Pedro, 30:700 litros de vinho; e em Guimarães, na romaria de S. Torquato, consumiram-se tambem 40 a 45 pipas de vinho!

Que *turcas* por lá não iriam!...

Em Braga, estando uma creancinha de 2 annos a brincar com uma caixa de fumos, estes incendiaram-se, communicando-se-lhe immediatamente o fogo aos vestidos, deixando-a em estado bastante grave.

Aos gritos dilacerantes da pobre pequenita acudiu pressurosa a mãe, que, apezar da brevidade com que o fez, ainda assim não pôde obstar a que a sua filhinha ficasse horrivelmente maltratada.

Na freguezia de Varzea, concelho de Felgueiras, uma mulher que se occupava na sacha dos milheiraes, sentiu as dôres da maternidade e retirou-se dos companheiros com quem trabalhava, para ter o seu bom successo. Voltou ao trabalho depois, abandonando o recem-nascido que, no dia seguinte, foi encontrado morto.

As auctoridades procedem.

Na noite de domingo foi perpetrado no logar da Ervedosa, ponto onde se acham abertos os principaes poços das minas de carvão de pedra de S. Pedro da Cova, um covarde assassinato.

A victima foi José Pereira da Silva, capataz d'aquellas minas e homem geralmente estimado pelo seu genio docil e excellentes qualidades.

Esse drama de sangue é contado pela seguinte fórma: A mulher da victima reside n'um logar d'aquella freguezia, bastante affastado do ponto onde o marido pernoitava, para o exacto cumprimento das suas obrigações. No domingo veio ella visital-o e como a noute se adeantasse, resolvêra ficar na casa que o marido habitava em Ervedosa.

Pelas 10 horas da noute, estando a conversar os dois, ouviram sobre o telhado um estranho ruido, que muito os surprehendeu. Era como que o som produzido pela queda de um pezado volume. Logo em seguida novo barulho e d'essa vez ainda mais forte. Como a casa estava encostada a um pequeno mórro, alguem se entretinha a despenhar sobre o telhado pesadas pedras. Foi isto o que conjecturou o infeliz Pereira; e, resolvido a pôr um termo a tão estupida brincadeira, calçou os chinellos, lançou mão d'um cacete e transpoz a porta para vêr se afugentava os gracejadores de mau gosto.

A mulher ficou aguardando e de repente tres detonações acordaram o silencio da noute, ecoando ao longe, sinistramente. Ella teve um presentimento de uma desgraça e sahiu espavorida, soltando afflictivos gritos de terror. Esses brados de angustia foram ouvidos e accudindo alguns visinhos a quem a mulher contou o que se passára, trataram logo de procurar o desventurado José Pereira da Silva. Encontraram-n'o a distancia já cadaver, com a cara cheia de terra. D'um ferimento que tinha n'um braço sahia copiosamente o sangue.

As pedras arremessadas ao telhado da casa tinham sido o pretexto encontrado pelos assassinos para attrahir a sua victima, e como se vissem bem succedidos, descarregaram sobre o desgraçado tres tiros de rewolver.

Como suspeitos de auctores d'este crime repugnante foram presos Antonio Caetano Magalhães, capataz da mina, e mais dous individuos tambem ali empregados, José Carvalho e Manoel Moreira.

Para a justiça proceder com a maxima segurança na descoberta d'este hediondo crime, prendeu tambem a mulher do assassinado e dois filhos, um dos quaes conta 11 annos e outro 9.

No campo de Ois da Ribeira, em Agueda, houve uma grave desordem por causa d'umas aguas de rega, ficando um dos contendores com o nariz completamente esborrachado com um murro que lhe déram.

Em Villa Franca da Serra, concelho de Gouveia, manifestou-se a epidemia da febre typhoide. O governo abriu um credito de rs. 1:000$000 ao governador civil para occorrer ás despezas e deu auctorisação para fazer uso das roupas e mais utensilios existentes no extincto hospital de Manteigas.

Tambem grassa com intensidade a mesma molestia na povoação do Porco, concelho da Guarda, tendo feito já algumas victimas e achando-se grande numero de pessoas affectadas.

Escrevem de Villa Pouca de Aguiar, em data de 5:

Um lobo e uma loba atacados de hydrophobia, fizeram hoje nas povoações de Pensalvos e Cabanas, d'este concelho, estragos horriveis.

Morderam umas dez pessoas, entre as quaes algumas creanças. Acabam de chegar a esta villa algumas das pessoas mordidas. Veem n'um lastimoso estado. Um homem traz as carnes n'um frangalho. A cara ficou completamente desfigurada. Um dos mordidos e que ainda luctou com a loba, fazendo-a ir a terra com uma pancada, é o rev. padre Luiz do Bairro de Cabanas. A loba foi morta. Presume-se que foram mordidas muitas cabeças de gado.

Uma verdadeira desgraça.

Dizem de Famalicão:

Actualmente já o vinho baixo da ultima colheita se está vendendo por 15$000 réis e 16$000 cada pipa, quando ha pouco dava 20$000 réis e mais. Vinhos encorpados é que não apparecem.

Os viticultores folgam pela abundante colheita que se antolha e que a nosso ver será superior á de 1884, em que o vinho chegou a 6$000 e 7$000 réis, subindo depois pela procura que teve por parte dos commissarios francezes.

Conta uma folha de Madrid, que em Gerez de la Frontera um rapaz assassinára sua propria mãe, vibrando-lhe sete punhaladas.

Parece que o miseravel commetteu este crime porque a mãe lhe recusára dinheiro para comprar um bilhete de tourada!

BIBLIOGRAPHIA

A Martyr. — E' um interessante romance editado pela empreza dos Serões Romanticos.

Recebemos o fasciculo 26.

Assigna-se em Lisboa na rua da Cruz de Pau, 26.

Historia de Victor Hugo. —Sahiu o 42.º fasciculo d'esta obra, de Cristobal Letran, e traduzida por Teixeira Bastos.

Veja-se o respectivo annuncio.

*

A Illustração Portugueza. — Recebemos o n.º 51 do terceiro anno d'esta revista litteraria e artistica.

Assigna-se na Travessa da Queimada, n.º 35, 1.º andar—Lisboa.

*

Revista de Medicina Dosimetrica. — Recebemos o numero 7 do 8.º anno.

Assigna-se na pharmacia J. B. Birra, Loyos, 36—Porto.

ANNUNCIOS

NA execução da Fazenda Nacional, contra Manuel João Bolario, solteiro, vão á praça no dia 17 de julho do anno corrente, pelas 11 horas da manhã, os seguintes bens:

Uma terra sita na Quinta, parte de norte com Antonio João Bolario e do sul com Manuel Domingos.

Um pinhal, no Chão do Velho, que parte do norte com a viuva de José Ramos e do sul com Emilia de Oliveira.

Uma terra sita no Juncal, parte do norte com o caminho publico e do sul com Manuel José.

São citados quaesquer credores incertos.

O escrivão de fazenda,
Antonio de Mello Borges.
Verificado.
Costa e Almeida.

NA execução da Fazenda Nacional, contra a viuva de Cirilio da Rocha, da Gafanha, vão á praça no dia 17 do mez de julho do anno corrente, pelas 11 horas da manhã, os seguintes bens:

Umas casas terreas, com aido e curraes, sitas nos prazos da Gafanha, que partem do norte com Antonio Cirilio e do sul com os mais prazos.

São citados quaesquer credores incertos.

O escrivão de fazenda,
Antonio de Mello Borges.
Verificado.
Costa e Almeida.

Agencia Economica, Maritima e Commercial

Passagens nos vapores de todas as Companhias da carreira do Brazil (por preços baratos, sem competencia).

Preços em 3.ª classe para *Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro* e *Santos*, incluindo passagem no caminho de ferro e conducção para bordo a

28:000 RÉIS

Para o *Pará e Manaus* sahirá de Lisboa o paquete MANAUENSE, em 14 de junho.

Para o *Pará* sahirá o paquete LANFRANC, em 26 de junho.

Para a provincia de *S. Paulo* dão-se passagens gratis.

Para informações e contrato de passagens, em Aveiro, rua dos Mercadores, 49 a 23.

Manuel José Soares dos Reis

*

Na rua dos Mercadores, n.os 19 a 23, em Aveiro, faz-se guarda-soes de todas as qualidades, concertam-se e cobrem-se com sedas nacionaes e outras fazendas.

Trabalhos perfeitos e preços baratissimos.

ANGELO DA ROSA LIMA

COM

OFFICINA E DEPOSITO DE MOVEIS

Aveiro, Rua dos Mercadores, n.os 42, 44, 46, 50 e 52

TEM grande sortido de moveis, taes como: commodas, meias commodas, cadeiras de differentes feitios, mezas de gostos differentes, camas, lavatorios, toucadores, caixas de cabeceira, cabides etc., etc.

Têm tambem espelhos de crystal em differentes tamanhos, assim como galerias, epatères e grande sortido de molduras de differentes larguras em dourado e preto, o que tudo vende por um preço convidativo e sem competidor n'esta cidade.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorisado pelo governo, e approvado pela junta consultiva de saude publica de Portugal, e pela Inspectoria Geral de Hygiene da côrte do Rio de Janeiro

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o apetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inseção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se trez vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debeis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dóse, com quaesquer bolachinhas, é um excellente «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se egual porção ao «toast», para facilitar completamente adigestão.

Para evitar a contrafacção, os envolucros das das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes farmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na farmacia France—Filhos, em Belem.

Deposito em Aveiro na farmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

FOGÃO

VENDE-SE um fogão de ferro grande, proprio para uma hospedaria. N'esta redacção se diz quem o vende.

O Camões

SEMANARIO

Romances, contos, viagens, sciencias ao alcance de todos, curiosidades, anecdotas, charadas, poesias, actualidades, biographias, revistas de theatro, criticas litterarias, humorismos, cousas uteis, narrativas historicas, leituras de familia, moral e religião, educação, progressos artisticos, maravilhas da industria, commemorações patrias, descripções de monumentos, antigualhas, usos e costumes estrangeiros.

Cada numero consta de quatro paginas, a tres columnas, bom papel e typo.

Publica-se aos domingos.

O preço da assignatura para o Porto, é de 1$000 réis por anno, 500 réis por semestre e 250 réis por trimestre; para a provincia, 1$200 réis por anno, 600 réis por semestre e 300 réis por trimestre. Numero avulso, 20 réis; fóra do dia, 40 réis.

Aos srs. correspondentes na provincia abonar-se-ha a commissão do costume, responsabilisando-se por qualquer numero de assignaturas.

Escriptorio da administração, rua dos Caldeireiros, 250—Porto.

Tambem se recebem assignaturas na Livraria Chardron, Lugan & Genelioux, successores, rua dos Clerigos, 96—Porto.

HISTORIA DA REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820

Illustrada com magnificos retratos dos patriotas mais illustres d'aquella epocha e dos homens mais notaveis do seculo XIX.

GRANDE EDIÇÃO PATRIOTICA

Terminou o 1.º volume d'esta notavel edição portugueza com o fasciculo 11.º distribuido no fim de março.

O PRIMEIRO BRINDE a todos os assignantes foi já distribuido e representa uma scena militar realisada na madrugada de 24 de agosto de 1820 á entrada do quartel da Torre da Marca, na cidade do Porto, onde se achava o regimento de infanteria 6.

Este BRINDE foi executado pelo sr. Joaquim Victorino Ribeiro, um dos ornamentos da Arte portugueza.

Os cidadãos que desejem possuir esta obra importante ainda pódem inscrever-se como assignantes, com direito aos BRINDES, e poderão receber o 1.º volume d'uma só vez, ou aos fasciculos mensaes desde o primeiro.

Preço de cada fasciculo 240 réis, sem mais despeza alguma.

Agente em Lisboa, Sergio da Silva Magalhães, Calçada do Combro n.º 20.

Editores, no Porto, Lopes & C.ª, rua do Almada, 119 a 123.

Ha agentes em todas as principaes terras do paiz.

JOÃO AUGUSTO DE SOUSA

COM

OFFICINA DE SERRALHERIA

EM

AVEIRO

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os systemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, camas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

Contra a debilidade

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente auctorisada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de apetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco—Filhos, em Belem. Pacote 200 réis, pelo correio 220 réis. Os pacotes devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

DEPOSITO em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Nas cocheiras do hotel Cysne do Vouga, em Aveiro, ha sempre esplendidos cavallos para vender, perfeitamente ensinados para trem e cavallaria.

A MARTYR

POR

EMILE RICHEBOURG

*

Edição illustrada com magnificas gravuras francezas e com excellentes chromos.

VERSÃO DE

JULIO DE MAGALHÃES

10 RÉIS CADA FOLHA, GRAVURA OU CHROMO. — 50 réis cada semana.— DOIS BRINDES A CADA ASSIGNANTE.

A' sorte pela loteria — 100$000 réis em 3 premios para o que receberão os srs. assignantes em tempo opportuno uma cautella com 5 numeros.

No fim da obra— Um bonito album com dois grandiosos panoramas de Lisboa, sendo um, desde a estação do caminho de ferro do norte até á barra (19 kilometros de distancia) e outro é tirado de S. Pedro d'Alcantara, que abrange a distancia desde a Penitenciaria e Avenida até á margem sul do Tejo.

Assigna-se no escriptorio da empreza editora Belem & C.ª, rua da Cruz de Pau, 26, 1.º—Lisboa.

Contra a tosse

XAROPE PEITORAL DE JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal, e pela Inspectoria Geral de Hygiene, da côrte do Rio de Janeiro, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco—Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

GUIA DO NATURALISTA

GOLLECCIONADOR, CONSERVADOR E PREPARADOR

POR

EDUARDO SEQUEIRA

Com 73 gravuras e 7 planchas de especimens vegetaes

Um volume brochado, 600 réis. Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas.

A' livraria—CRUZ COUTINHO—Rua dos Caldeireiros, 18 e 20.—Porto.

XAROPE PEITORAL DE MAYA

Muito util no tratamento das pneumonias. Combate de prompto as tosses convulsas e bronchites.

ANTI-RHEUMATICO DE MAYA

Com o uso de quatro a seis fricções d'este precioso medicamento, desapparecem immediatamente as dores nevralgicas, dores das juntas, e rheumatismo muscular.

Injecção d'Young

Remedio efficaz no tratamento das purgações tanto antigas, como modernas.

POMADA DO DR. MORAES

A mais efficaz para obter a cura das impigens, herpes, e muitas outras molestias de pelle.

Todas estas especialidades se encontram á venda na pharmacia de Francisco da Luz, & F.º, em Aveiro, e na pharmacia Maya, em Oliveira do Bairro; aonde se satisfaz de prompto qualquer pedido tanto em grande escala, como em pequena, pelo correio.

TYPOGRAPHO

HA um que pretende collocar-se. Está habilitado para jornal, e algumas obras.

Quem o pretender, dirija-se a esta Redacção.

MOGOFORES DE ANADIA

Domingos Maria da Costa, negociante de Mogofores, participa ao respeitavel publico em geral que vae abrir um armazem de vinho para vender por atacado, na nova rua da estação do caminho de ferro em Aveiro, n'uma caza do sr. Joaquim Pacheco. Esse armazem abre só ás quintas e sexta-feiras de cada semana. Nos dois dias este novo armazem vende vinho, geropiga, e aguardente por pipa e por almude. Vende tambem trigo americano, por grosso. Os preços são commodos.

Todos os freguezes que lhe quizerem dar a preferencia se darão bem. O vinho é branco e tinto.

Mogofores, dezembro de 1886.
Domingos Maria da Costa.

VENDA DE CASAS

VENDE-SE uma nova, alta, com quintal e poço, e construida de pedra, que faz frente para a rua da Sé e frente para a rua da Cadeia e tem sahida para a rua do Roxo. Quem a pretender falle na mesma com o dono.

Francisco Augusto Duarte.

PUBLICAÇÕES DEMOCRATICAS

THEOPHILO BRAGA: — *Historia das Ideias Republicanas em Portugal*, desde 1640 até hoje, 600 rs. *Soluções Positivas da Politica Portugueza*, 3 vols., 620 rs. *Curso de Historia da Litteratura Portugueza*, 1$500 rs. *Miragens Seculares*, poesia revolucionaria, 800, cart. para brinde 1$000 rs.

TEIXEIRA BASTOS:—*Programma Federalista radical*, 60 réis. *A Marselheza*, texto, traducção, musica e retracto, 200 rs. *Comte e o Positivismo*, 200 rs. *Cathecismo republicano* para uso do povo, 120 rs. *Vibrações do Seculo*, poesia revolucionaria, 600 rs.

CARRILHO VIDEIRA:—*Liberdade de consciencia e o juramento catholico*, 120 rs. *A Questão social, as Bodas Reaes e o Congresso Republicano*, 100 rs. Almanach Republicano para 1866, XII anno, 120 réis.

PAULO ANGULO: — *Os assassinos de Prim e a politica em Hespanha*, 300 rs.

BIBLIOTHECA DAS IDEIAS MODERNAS:—Obras de Drapper, Lubbah, Wurtz, Litrté, Schmidt, Sylor, Moleschatt, etc, 1.ª serie cart. 700 rs., os 10 vols. em br. 500 rs., cada um 50 rs.

Muitas obras de propaganda scienifica e republicana, allegorias da republica e retractos dos grandes homens. Enviam-se os catalogos a quem enviar a importancia do porte a Carrilho Videira, rua do Arsenal, n.º 96, livraria, Lisboa.

NOITES ROMANTICAS

EMPREZA EDITORA
F. N. Collares.

80 reis cada fasciculo de 32 paginas, ou 24 e uma estampa.

Assigna-se em Aveiro, na rua dos Mercadores, 19.

ANGELINA VIDAL

A PROVOCAÇÃO

CARTA AO REI

A proposito do conflicto parlamentar entre o ex-ministro da marinha e o deputado Ferreira d'Almeida. — Preço 60 réis.

BIBLIOTHECA DA MOCIDADE. — Director, — Francisco Silva, — Travessa da Espera, 63—Lisboa.